

# Pesquisador prevê boas perspectivas para os jovens

Queda do desemprego entre pessoas de 25 a 50 anos deve obrigar as empresas a abrirem suas portas aos mais novos

O jovem brasileiro está prestes a viver um cenário inédito no Brasil, segundo o pesquisador do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Universidade de Campinas (Cesit/Unicamp), Anselmo Santos. “As

taxas de desemprego entre os mais jovens vai, finalmente, começar a cair mais rapidamente. É a vez deles”, garante.

Santos justifica sua posição com dados de emprego do Ministério do Trabalho e Emprego, que indicam uma redução significativa do desemprego entre os mais velhos, e também na taxa de ocupação de pessoas em idade ativa (PIA) de jovens entre 15 e 24 anos. “Taxas de PIA muito altas é indicativo de pobreza, quando as famílias precisam da ajuda dos filhos para manter a casa”, diz. A

PIA caiu 8,5% de 2002 a 2010.

Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME/IBGE) de julho, o desemprego entre trabalhadores acima de 50 anos está em 2,4%, o que representa pleno emprego; e de 5,6% para a faixa de 25 a 49 anos. “Se o crescimento atual se mantiver, em até três anos essa taxa vai cair para menos de 3%. Isso abre o mercado para os jovens, que ainda enfrentam forte desemprego.” A falta de ocupação atinge 23,9% dos jovens entre 15 e 17 anos e 16,1% dos que têm de 18 a 24 anos.

Santos diz que a dificuldade das empresas para conseguir preencher vagas braçais é apenas o começo de uma transformação mais profunda e está ligada à herança negativa em relação ao trabalho manual e aos baixos salários. “R\$ 1 mil oferecidos pela metalúrgica estão abaixo da renda média, que é de R\$ 1,4 mil. Como a renda das famílias aumentou, o jovem não tem tanta necessidade de trabalhar e muitos preferem se dedicar apenas ao estudo”, explica.

Além disso, o funil da ascen-

são profissional continua estreito. “Menos da metade do pessoal de base consegue ascender”, diz. E falta ao País uma cultura operária, como acontece na Europa e EUA. “Nessas regiões, os operários têm perspectivas positivas de vida, em virtude de ganhos maiores e maior apoio de programas sociais. Assim, existem famílias com tradição no trabalho operário. No Brasil, apesar da melhora da Previdência e da renda, isso não ocorre”, diz.

A recusa do jovem está ligada às expectativas de vida que ele

tem, principalmente diante de uma economia que cresce e oferece novos horizontes. “Um pedreiro hoje está ganhando R\$ 4,5 mil com carteira assinada e já não é mais uma profissão que não exige qualificação”, argumenta Santos.

Por enquanto, o jovem não consegue ver vantagens no trabalho operário. “Talvez essa perspectiva mude daqui há dois ou três anos, mas agora, o que vale é a experiência acumulada pela família nos últimos 30 anos, de falta de perspectivas”, diz./L.P.